



## A fenomenologia material de Michel Henry: um estudo sobre a subjetividade e a intersubjetividade<sup>1</sup>

The material phenomenology of Michel Henry: a study on subjectivity and intersubjectivity

Silvestre Grzibowski<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é apresentar a fenomenologia material de Michel Henry a partir da subjetividade e intersubjetividade. Ela tem seu começo absoluto na vida originária de cada Si que é pura autoafecção e como o ato de afeto do Si implica a realização e o crescimento do Si e outros na relação intersubjetiva. Essa se manifesta na cultura. Em contrapartida, a não realização do Si impossibilita e compromete o crescimento. O deslocamento da afetividade originária pode levar à barbárie. A tese que sustento é que a barbárie só pode ser amenizada na relação intersubjetiva.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Michel Henry. Vida. Intersubjetividade

**Abstract:** The objective of this study is to present the material phenomenology of Michel Henry based on subjectivity and intersubjectivity. It has its absolute beginning in the original life of each Self that is pure self-affection and how the act of affection of the Self implies the realization and growth of the Self and others in the intersubjective relationship. The latter is manifested in culture. On the other hand, failure to realize the Self makes growth impossible and compromises it. The displacement of the original affectivity can lead to barbarism. The thesis I advocate is that barbarism can only be mitigated in the intersubjective relationship.

**Keywords:** Phenomenology. Michel Henry. Life. Intersubjectivity

### Introdução

Apesar de Michel Henry ter vivido num período difícil da história da humanidade, como, por exemplo, a Segunda Guerra Mundial, o seu pensamento pode ser considerado uma teoria de esperança. Acreditava que o cuidado e o respeito pudessem amenizar os conflitos e as guerras que assolavam e sufocavam os indivíduos. Para Henry, o grito de esperança nasce e renasce em cada vida singular. Essa é a tarefa que o pensador apresentou para a filosofia fenomenológica: trazer

---

<sup>1</sup> Recebido em 27 de março de 2022. Aceito em 12 de setembro de 2022 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia pela Universidad Pontificia de la Salamanca. Professor de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [silboski@yahoo.com.br](mailto:silboski@yahoo.com.br).



para o debate a vida de cada Si na sua singularidade que está entrelaçada numa relação intersubjetiva.

Os temas que envolvem a origem do ego, do ser do ego, da Ipseidade, da vida absoluta e do Si transcendental podem ser considerados os mais importantes no pensamento de Henry<sup>3</sup>. Um dos grandes problemas que ele percebeu é que a tradição filosófica fazia críticas e falava da crise do sujeito, no entanto, compreendeu que a maioria dos filósofos apresentava um sujeito constituído por uma única razão, ou seja, o sujeito era elaborado a partir da autonomia da razão. Então, o problema investigado permaneceu na esfera teórica, e tanto os argumentos como as contraposições que eram apresentados não atingiam o ser do ego. Henry intuiu que a vida singular de cada Si foi sufocada pelas teorias e pelos sistemas. Diante disso, outro problema nasce do primeiro, que era de dar um novo fundamento para o ser do ego, e um fundamento que fosse totalmente diferente da autonomia da razão. Claro que essa tarefa não era isolada, porque outros pensadores, como, por exemplo, Kierkegaard e Levinas, também criticaram duramente o abandono da essência da individualidade e o esquecimento da alteridade. No entanto, surgiram muitas questões: haverá uma outra possibilidade de estudar o sujeito ou o ego? Por que a vida do ser do ego foi esquecida e deixada de lado? Não haverá outro modo de falar do sujeito? Não seria importante revisar os conceitos e os fundamentos destes? Por que estes conceitos apresentados sempre partem da terceira pessoa<sup>4</sup>?

A fenomenologia material surge com a finalidade de mostrar que não há separação entre vida absoluta e ego, vida e cultura<sup>5</sup>. Por isso, neste estudo procuro evidenciar e sustentar a conexão que existe entre ambas. Assim, será possível entender as duras críticas que o pensador dirige ao pensamento filosófico e científico, pois essas ciências deslocaram a vida da sua realidade e a

---

<sup>3</sup> Aqui, apenas vou mencionar e não irei aprofundar as questões como “ser do ego, ego, eu, Ipseidade, Si transcendental, Arqui-filho, Arqui-Si...”. Esses vão sendo desenvolvidos nos seus escritos e sofrem modificações importantes. Nesta pesquisa, tenho presente este problema e terei como o pano de fundo o Si transcendental, conforme Henry chamou a atenção para este ponto. “Ce n'est donc jamais de l'ego qu'il faut partir; l'intersubjectivité n'est pas une relation entre des ego. Tout ego présuppose en lui un Soi transcendantal Vivant. Si tout Soi transcendantal, Celui d'autrui, aussi bien que le mien est généré dans le procès d'auto-génération de la Vie absolue, dans le Premier Soir en lequel elle s'éprouve soi-même, c'est alors de preces qui est premier.” (Henry, 2002, p. 8). É importante salientar também que Henry trabalhou o corpo subjetivo como o ser do ego. Cf. GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia do corpo subjetivo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. *Voluntas*, Santa Maria, v.10, n.1, 2019, p. 53-61.

<sup>4</sup> A fundamentação sobre o ser do ego, o ego (sujeito) eram as grandes questões que criticava e buscava responder. Cf. Michel Henry. *De la subjectivité* Tome II, *Phénoménologie de la vie*. Paris: Épipiméthée PUF, 2003.

<sup>5</sup> No entanto, ele pode distanciar-se de Si.



descreveram a partir de um único método. Por isso, o nosso pensador insiste que as definições e os conceitos que são apresentados sobre o sujeito são vazios e não tocam a realidade. E por que não a tocam? Porque provêm da exterioridade, enquanto que a essência fenomenológica permanece ali, abandonada.

## **A fenomenologia material como inversão da fenomenologia e o nascimento do Si**

Henry percebeu que não poderia falar do ser do ego se ele permanecesse no método que foi proposto pela tradição filosófica e fenomenológica<sup>6</sup>. Trabalhou intensa e exaustivamente na revisão do método e objeto e concluiu que precisava criar outro. Assim, nascia a fenomenologia material. Esse método faria uma verdadeira renovação fenomenológica. A inversão do pensamento leva a uma fenomenologia da vida subjetiva. Isso quer dizer que se a vida era elaborada e compreendida pela exterioridade; agora, ela se torna protagonista e autônoma. Compreende-se a autonomia como passividade. “Autonomia é a essência da vida, idêntica afetividade ela mesma, ela é o fato que a vida se sente, tem, é o sentimento dela mesma” (HENRY, 2011, p. 612). A vida é autoafetada por ela mesma porque é pura passividade; tudo o que ela sente e prova provém dela mesma. Ela revela o conteúdo verdadeiro e originário. “Ali, contudo, nessa Noite sem partilha e em seu favor, cumpre-se o histórico do Ser, a operação imóvel na qual a vida se abraça a si mesma no abarcar de sua conservação e de seu crescimento. É esse abarcar que é fenomenológico, que é a fenomenalidade em sua textura mais original, o *páthos*” (HENRY, 2012, p. 152). A vida depende somente da sua essência; por isso, ela é autossuficiente e no seu tecido invisível ela se abraça, na noite, porque o abraço subjetivo não pode ser visto pela luz da razão. E é ali, na invisibilidade, que ela se prova, se autorrealiza e cresce. O crescimento se concretiza na potencialização dos poderes da essência. A dimensão maravilhosa de cada um se encontra no segredo.

Um dos pontos mais importantes e mais difíceis da teoria de Henry é mostrar como o ser do ego, o ser de cada um se prova a si mesmo. Por isso, é importante ter presente as críticas que ele dirige ao método, especialmente a *époché* de Husserl.

---

<sup>6</sup> É importante destacar que Henry critica muitos pensadores da tradição. No entanto, isso não significa que ele os desconsidere; ao contrário, valoriza e muito. Por outro lado, alguns não são criticados por ele, como, por exemplo, Mestre Eckhart e Kierkegaard.



A redução fenomenológica procede necessariamente a exploração sistemática do campo transcendental. Adianta, fazendo-a possível, a compreensão da consciência absoluta na sua significação ontológica. A *epoché* é justamente o método radical que permite captar o eu puro e a vida que o pertence como que a vida transcendental a qual o mundo é imanente como componente transcendental (HENRY, 2011, p. 36).

O método fenomenológico husserliano não possibilita e não permite que a subjetividade se revele como fenômeno originário. Isso quer dizer que na fenomenologia transcendental a vida não chega a si por ela mesma, mas sempre por um ego, uma consciência. Diante disso, Henry busca apresentar uma outra possibilidade e um outro modo de revelação, diferente da subjetividade transcendental. Isso o leva a apresentar que o fundamento do fenômeno se encontra no aparecer. E a tarefa da fenomenologia seguirá sendo a ciência dos fenômenos originários, não com a finalidade de trazê-los à luz e desvendar os mistérios e enigmas. Afinal, o fenômeno, para Henry, é invisível. A fenomenologia de Henry pode ser considerada uma fenomenologia do invisível porque desenvolveu um argumento próprio (FABRI; SILVESTRE, 2022, p. 79). A vida é invisível.

Querer ‘trazer à luz’ o fundamento é o absurdo ontológico. O que não tem que manifestar-se por meio de um ser transcendente um dia ou outro, antes ou depois, no curso de uma história, individual ou universal, ou no seio de progresso da filosofia, se é verdade que está já presente a si mesmo no seio de uma revelação que não deve nada ao tempo nem à transcendência, mas se realiza na esfera da imanência radical da subjetividade absoluta (HENRY, 2011, p. 54).

A filosofia sempre desejou conhecer e desvendar os mistérios. O *logos* grego tem por finalidade conhecer. Henry “em nenhum momento menospreza esse modo de conhecer, porém, se lança para mostrar que há outras leituras e interpretações. Sabendo que além dos conteúdos apresentados pelo conhecimento visível, existem outras vias” (FABRI; SILVESTRE, 2022, p. 79-80). Aqui, não estou fazendo referência a uma pseudofilosofia; no entanto, a finalidade é apresentar um outro lado do conhecimento, aquilo que não se mostra, que não conseguimos ver, mas que existe e age no nosso ser como uma força.

A tarefa da fenomenologia material consiste em manter-se próximo/junto à essência. O pensador diz que o experienciar se dá nas tonalidades afetivas do sofrer e do gozar; nelas a vida se experimenta a si mesma. O sofrimento quando descrito por um terceiro não é mais originário porque é interpretado e transformado em conceitos. Porém, o método da fenomenologia material não tem por finalidade fazer análise e muito menos uma descrição teórica sobre as tonalidades afetivas, porque a autorrealização se dá na vida de cada um. Por isso, quando o sofrimento é narrado por uma terceira pessoa, expõe-se um conteúdo vazio e descaracteriza-se o vivido originário da Ipseidade.



A fenomenologia material parte da primeira pessoa; contudo, o conteúdo não é narrado, mas vivenciado. “Na medida em que esse sofrer é o alcançar de si, o crescimento de si do que superabunda de si, e o sofrimento da conservação se modifica na embriaguez da superabundância” (HENRY, 2012, p. 152). No sofrer ou no sofrer-se se chega a si e a essência se manifesta. Mas a vida não é só sofrimento, é alegria. E a afetividade se encarrega não só de manifestar, mas também de executar sutilmente a troca de uma tonalidade para outra, como da tristeza para a alegria e vice-versa. Essa é a maravilha que não pode ser capturada pelo ver racional, ou, se capta, talvez o captado seja uma pequena parcela, mas jamais o todo.

Inspirado na teoria do *desespero humano* de Kierkegaard que mostra o eu sendo constituído, ou, mais precisamente, que o eu ‘se constitui’ no desespero, nele se abrem as possibilidades para a realização. Sendo assim, ninguém pode evitá-lo, aliás, o homem natural procura ignorá-lo; no entanto, o cristianismo descobriu e mostrou “uma miséria cuja a existência o homem, como homem, ignora: e essa miséria é doença mortal” (2010, p. 20). Em outras palavras, o homem natural ignora a doença mortal, a miséria, o sofrimento. O argumento de Kierkegaard torna-se essencial para mostrar o peso da existência e a impossibilidade de se desfazer dele, dessa carga.

Que esse peso se torne demasiado pesado, que pode ser vivido como fardo, e como fardo insuportável, isso se deve ao fato de que é impossível à vida desfazer-se daquilo de que ela está encarregada, isto é, de si mesma. Essa impossibilidade, como vimos, duplica a carga e torna intolerável – o insuportável não sendo assim senão a essência interior da vida em sua efetivação fenomenológica: ‘o suportar-se a si mesmo’ que não pode mais ser o que é (HENRY, 2012, p. 152).

Nunca o peso da carga é maior que a força de cada um. Por mais que pareça ser insuportável, acaba sendo suportável, embora haja o desejo de se abandonar, fugir-se de si mesmo, libertar-se desse fardo; uma vez sendo impossível, vêm o desespero e a angústia. Para estes dois pensadores é justamente aí que a vida manifesta plenamente o Si. Então, voltando à questão sobre a abundância e superabundância, quanto mais o Si vivencia e se experimenta no sofrimento, superabunda o seu crescimento porque está carregado de si, de tal modo que, “com a superabundância e, ao mesmo tempo que ela, também a carga aumenta, continuamente” (HENRY, 2012, p. 152). O mesmo se pode dizer sobre a alegria. Na verdade, esses são os modos para mostrar que a fenomenologia material está conectada com a vida de cada Si.



## ***Pathos e cultura***

É importante perceber e compreender como Henry propõe a conexão entre o *pathos* e a cultura. Em outras palavras, a vida se manifesta na cultura, ou, mais precisamente, na medida em que ela se manifesta produz cultura. A finalidade da ação do *pathos* é não se reter, mas lançar-se. Entenda-se por lançar-se o que se experimenta; não significa que quando o indivíduo se lança a essência se desfaz, como ela se desfizesse dela mesma. Não, porque ela já experimenta e vive uma relação interna intensa e quanto mais ela se relaciona, a ação aumenta. Isso não significa que essas ações culminem em uma obra de arte, ao menos não no primeiro momento, como afirma Henry.

No entanto, sabemos que Henry valoriza demasiadamente as obras culturais, artísticas, enfim, todas as artes. Porém, insiste que a essência não pode ser esquecida nem deixada de lado porque ela não é o resultado propriamente dito, ou não visa um resultado como propõe o método filosófico e científico, mas pode-se dizer que é o caminho. Na verdade, esse argumento, segundo Henry, já havia sido proposto por Descartes na *Segunda Meditação* quando distingue a ideia do espírito de todas as outras ideias, que são as ideias dos objetos, reais ou ideais.

Essa diferença consiste de que a ideia do espírito não tem *cogitatum*, isto é, não tem objeto. A ideia do espírito é o poder original de revelação em virtude do qual a *cogitatio* (a alma, a vida) é a revelação de si mesma, e não de uma objetividade qualquer, de um *cogitatum* (2012, p. 41).

Tudo o que se revela, se revela em si mesmo e não fora da essência na alma ou vida. Husserl havia criticado as ciências por terem deixado de lado o mundo-da-vida (HUSSERL, 2012). Henry afirma que, além das ciências terem abandonado o mundo-da-vida, deixaram também a vida subjetiva que, na verdade, é fundamento absoluto não só para a cultura, para a ética e para o saber científico. O grande problema é que a teoria científica matematizou a natureza; por isso que o mundo da natureza não é um mundo natural, mas matemático.

Para Henry, a cultura é prática e assume diferentes formas. A primeira são as formas elementares, ou seja, a realização do saber imediato; assim, cada cultura faz a seu modo “os bens úteis à vida e a seu consumo – alimentação, o vestuário, o habitat etc. - bem como o jogo espontâneo da própria vida, a celebração de seu destino, o erotismo, a relação com a morte” (2012, p. 45). O fazer se expressa e se manifesta em diversos ritos, e cada sociedade cria os seus; por isso, os ritos, as cerimônias, os cultos são diferentes. Essa é a maravilha, a diferença está na particularidade. Para Henry, o mesmo acontece na organização social que parte da vida prática,



como, por exemplo, as leis, que não são leis da consciência, mas nascem da vida. Claro que quando elas são deslocadas, aumenta o distanciamento entre a lei e a vida. O mais importante é mostrar que as leis práticas são leis da vida e que sua origem se encontra na subjetividade. “A subjetividade é inteiramente necessidade” (2012, p. 46). A cultura e a economia devem partir da necessidade de comer, vestir, morar e tudo que é importante para a autorrealização da vida de cada Si. No entanto, existem também as necessidades superiores, que resultam da própria necessidade “e suscitam as elaboradas formas de cultura, que são a arte, a ética e a religião” (2012, p. 46). Todas elas se enraízam na essência.

Então, como se autorrealiza a vida na cultura? Na relação interna da subjetividade. Essa relação intensa Henry chama de Energia, e a partir dela é possível compreender o seguinte: liberar energia não é desfazer-se dela, mas é desenvolver-se, permitir que ela cresça e assim concretiza-se no autocrescimento da subjetividade. Segundo, ao vivenciar intensamente a Energia e tudo o que ela libera, se realiza o crescimento e se produz cultura. Por isso é que, como já mencionei, a cultura não é um conceito abstrato e vazio produzido por uma teoria, mas tem sentido eminentemente prático.

A obra de arte há, em sua objetividade aparente, cada vez que sua percepção, consistindo na imaginação, consiste em última instância no autocrescimento da subjetividade e a torna possível, consiste na Energia e é idêntica. Desse modo, a obra de arte, a obra de cultura em geral, é criação no sentido que foi formulado, ou seja, operação, operação da subjetividade conforme sua essência e idêntica à sua realização (2012, p. 155).

Assim, nada do que é produzido do que existe é diferente da essência, tudo o que é realizado provém da subjetividade. Cultura é idêntica à essência da vida. Assim, entende-se perfeitamente o quanto são importantes e indestrutíveis não só os lugares como os museus e tudo o que eles conservam e preservam. Eles emanam da vida subjetiva. Esses lugares não podem e não devem ser destruídos porque a destruição afeta diretamente a singularidade de cada um e de uma comunidade invisível. O aniquilamento de um museu, de um sítio arqueológico, santuário ou mesmo a poluição de um rio, o desmatamento afeta diretamente a vida e o cosmos. Cuidar da vida e do cosmos significa zelar e respeitar profundamente a subjetividade afetiva de cada um na sua singularidade. O arrasamento fere diretamente a subjetividade, e se atualmente o cosmos grita e geme de dor, significa que não estamos cuidando e isso possibilita o desenvolvimento da barbárie.



## Subjetividade e intersubjetividade – uma comunidade de afetos

Ao pensarmos sobre a barbárie, imediatamente surgem nas nossas mentes diversas imagens de destruições que são provocadas pelas guerras, conflitos, violências, genocídios, caos, desmatamento, poluição, enfim, as ideologias e as práticas que barbarizam os seres e o cosmos. Infelizmente, teríamos muitos exemplos de práticas de barbárie para citar nos dias de hoje. Existem muitas teses e estudos sobre o tema tanto na área da filosofia como nas outras ciências. Michel Henry, que é, sem dúvida nenhuma, um filósofo e um profeta de esperança, apresenta duras críticas à barbárie. Primeiro porque viveu em período marcado pela guerra e genocídio, e essas violências fizeram com que ele apresentasse uma filosofia do amor à humanidade, acreditando demasiadamente no autocrescimento pleno da vida humana. Condena com acuidade a barbárie e conclama a humanidade a respeitar e amar. O respeito, a solidariedade, a dignidade acima de tudo. Na verdade, o que não seria ou não é cultura é barbárie. Assim, define Henry: “*a barbárie é uma energia não utilizada*” (2012, p. 156; grifo do autor).

O objetivo aqui não é apresentar a barbárie, mas como a fenomenologia material se constitui na vida afetiva e como os atos de afeto implicam o nascimento de uma comunidade intersubjetiva. Nessa comunidade afetiva se cultiva e se cuida da vida de cada vivente. Não há desprezo e muito menos separação, há respeito pleno da essência. O amor gera uma força comunitária de resistência à brutalidade, à violência e ao ódio.

É impressionante como a fenomenologia de Henry, de um lado, critica duramente a tradição filosófica e científica, mas, por outro lado, apresenta uma solução para o conhecimento e para a sociedade a partir da intersubjetividade.

Toda a sociedade, no entanto, na medida que repousa sobre a intersubjetividade, não tem somente essa base constituída pelas modalidades elementares de satisfação de necessidade, ela implica um estabelecimento de relações constante e sempre atuante entre as subjetividades que a compõem (HENRY, 2012, p. 202).

Primeiramente, a intersubjetividade se realiza na busca e na satisfação das necessidades elementares. O que está muito próximo da teoria de Levinas quando propõe que viver de, significa desfrutá-la. “Ser eu é existir de um tal modo que já se está mais além de ser na felicidade. Para o eu, ser não significa nem se opor, nem se representar algo, nem se servir de algo, mas gozá-lo” (2006, p. 139). Isso significa que não se vive de preocupações, ocupações, representações, mas de desfrutar a vida. Esse fundo comum é um ponto insubstituível e importante porque implica o



nascimento e o estabelecimento de novas relações entre as subjetividades. Sendo assim, a subjetividade não se constitui no primeiro momento no ato teórico para agir depois; ela se concretiza na pré-intencionalidade. A vida comunitária emerge das relações pré-intencionais.

A intersubjetividade não pode ser estabelecida por uma cultura de saber que tem como modelo uma comunidade teórica, pois, se assim fosse, essa seria totalmente artificial e distante da subjetividade afetiva e encarnada. A verdadeira e autêntica comunidade surge do cuidado e do zelo afetivo; ou seja, a intersubjetividade se concretiza na vida patética, na intropatia. Essa é a insistência de Henry na teoria da afetividade, que é essencial para a efetivação de uma cultura de vida e de paz.

A intersubjetividade arraigada na afetividade organiza e orienta tanto o agir individual como o comunitário. Esse modo de vida impossibilita a exclusão e o abandono do outro. Isso significa que todos têm o direito à vida, logo, também têm direito a participar e usufruir dos bens naturais, pois eles fazem parte da cultura.

Por fim, privar um indivíduo não é um ato isolado, pois a nossa vida é comum, e esse fundo comum implica uma responsabilidade ética intersubjetiva (GRZIBOWSKI, 2020). Assim, tanto Henry como Levinas estão de acordo que somos responsáveis infinitamente pelo outro dentro da comunidade e da sociedade. “Cultura ética em que o rosto de outrem – o do absolutamente outro – desperta na identidade do eu, a inacessível responsabilidade pelo outro homem e a dignidade do eleito” (LEVINAS, 2004, p. 213).

## Referências

- FABRI, Marcelo; GRZIBOWSKI, Silvestre. *Introdução à fenomenologia do invisível*: (o amor, o desejo, a vida). Curitiba: CRV, 2022.
- GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia do corpo subjetivo em Michel Henry: uma leitura a partir da imanência subjetiva. *Voluntas – Revista Internacional de Filosofia*, Santa Maria, v. 10, n. 1, p. 53-61, 2019.
- GRZIBOWSKI, Silvestre. Fenomenologia da religião em Michel Henry: um estudo a partir da fenomenologia do nascimento. *Quadranti - Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea*, v. VIII, n. 1-2, p. 293-312, 2020.
- HENRY, Michel. *A barbárie*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.
- HENRY, Michel. *De la subjectivité*: Tome II, Phénoménologie de la vie. Paris: Épipiméthée PUF, 2003.



HENRY, Michel. *L'essence de la manifestation*. Paris: Épipiméthée, PUF, 2011.

HENRY, Michel. Avant propos. In: FLORINDA, Martins. *Recuperar o humanismo: para uma fenomenologia da alteridade em Michel Henry*. Cascais: Principias Publicações Universitárias e Científicas, 2002. p. 7-9.

HUSSERL, Edmund. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Trad. de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2012.

KIERKEGAARD, S. *O desespero humano: doença até a morte*. São Paulo: Unesp, 2010.

LEVINAS, E. *Entre nós: ensaios sobre alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LEVINAS, E. *Totalidad e infinito: Ensayo sobre la exterioridad*. Salamanca: Sígueme, 2006.